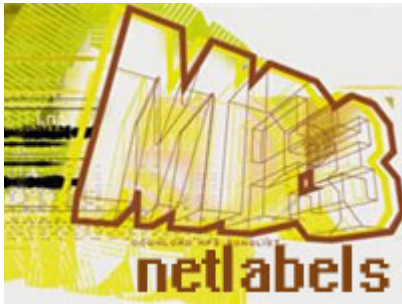


## Netlabels: Novos ritmos na rede



Chamam-se netlabels e disponibilizam música na Internet de forma completamente gratuita. Uma fuga ao mercado e um encontro com novas tendências musicais.

A apropriação de uma subcultura pelo mainstream passou sempre por um processo difícil de imposição e de afirmação. Um processo doloroso que muitas vezes bloqueia a existência de novas tendências. Tendencialmente relegada para um submundo muito próprio, as subculturas encontram hoje na Internet um espaço privilegiado e aberto, um refúgio que, paradoxalmente, é uma ligação contínua com o mundo, permanentemente 24 horas por dia, 365 dias por ano. É a boca do altifalante de quem quer que seja, uma terra de ninguém.

Uma Internet à espera de ser desbravada, com o único intuito de ser povoada. É assim o ideal em forma de janela sob o mundo.

São editoras que não ocupam espaço físico nem produzem obras com suporte físico. O advento da Internet e particularmente do formato mp3 ameaça a indústria fonográfica, mas abre portas à criação de estruturas editoriais que funcionam na rede, de forma gratuita. Chamam-se "netlabels" e são milhares em todo o mundo. Baseiam-se em sites que disponibilizam espaço gratuito à comunidade e nas licenças Creative Commons, que regulamentam o livre acesso à música.

Em Portugal, há já várias netlabels que têm vários álbuns online e que revelam uma actividade de renovação permanente com muitas novidades a despontar. A cena portuguesa começou a emergir nos últimos dois anos e que já conta com cinco netlabels: Test Tube, MiMi Records, EnoughRecords, Merzbau e a You Are Not Stealing Records. Umas mais conhecidas do que outras, umas com mais oferta que outras, mas todas partilhando da mesma filosofia: um universo alternativo às editoras tradicionais pontilhado por sonoridades que fogem ao gosto mainstream numa visão da música enquanto direito.

**Mariana Teixeira Santos**

## MiMi: as sonoridades por trás do ouvido



Uma netlabel portuguesa integra um projecto que faz da ligação entre culturas o seu maior trunfo - Japão e Portugal à distância de um clique.

Com já 35 álbuns editados por onde perpassam as mais recentes tendências da música electrónica – IDM, glitch, noise, digital hardcore, experimentalismo – chega-se finalmente à [MiMi](#).

MiMi, a palavra japonesa para ouvido, pretende ser uma ponte entre dois mundos aparentemente tão anacrónicos – Portugal e Japão.

“O motivo impulsionador foi um concerto de música tradicional japonesa – aquando da comemoração dos 460 anos de amizade entre Portugal e o Japão”, conta Fernando Ferreira da MiMi.

Num emaranhado de discos portugueses e japoneses (só portugueses e japoneses!), as abordagens musicais reflectem muitos pontos em comum. “Apesar de estarmos em lados opostos do planeta sentimos muitas coisas da mesma maneira”, diz.

Por entre palavras impõem-se sons. Sobressai Biomekanikal, onde sons se forjam numa aura revolta, onde o noise e o digital hardcore se revelam.

Os trabalhos são geralmente recebidos por correio normal ou então os próprios artistas enviam um e-mail com o "link" para se fazer o download do trabalho. Como diz Fernando Ferreira, “o conhecimento da língua japonesa e a Internet ajudaram a conhecer os projectos editados pela MiMi. Quando os contacto para possíveis edições eles ficam muito agradecidos e alguns até espantados”.

Na realidade a MiMi é mais visitada por estrangeiros e principalmente japoneses. A pouco e pouco os portugueses vão despertando para o fenómeno. As netlabels são projectos caseiros, alimentados pela mera paixão pela música e, por isso mesmo, entre o criador da netlabel e as músicas que por lá passam há sempre uma complementaridade. De facto, Fernando Ferreira não esconde que a MiMi é fruto dos seus gostos musicais, que se identificam com as tendências da electrónica.

O futuro de algo que cresce todos os dias passa por acompanhar o ritmo. Entretanto a vasta oferta da MiMi já permitiu a realização de uma compilação “Give the finger to sploider’s disk” editado há algum tempo em formato tradicional. Por entre edições novas e contactos, Fernando Ferreira confessa que tem “andado a fazer experiências sonoras” . “Quem sabe se não faz parte do futuro da MiMi uma edição pessoal na netlabel”, afirma.

**Mariana Teixeira Santos**

## Merzbau: Música em mutação



A Merzbau é um pequeno projecto que lentamente se expande. Uma produção caseira para uma música que foge aos circuitos mais comerciais.

Como se lê na [Merzbau.tk](http://Merzbau.tk), Merzbau era o nome de uma obra plástica de um autor alemão chamado Kurt Schwitters. Esta obra estava em casa do artista e era alvo de uma mutação constante, através da acção do próprio Schwitters mas também de vários artistas amigos seus que tinham a liberdade de acrescentar ou retirar o que quisessem à construção tornando esse projecto um projecto global e em constante crescimento.

A Merzbau surgiu em meados de 2000, no formato "webzine". Depois, a Merzbau tornou-se um site de apoio a bandas nacionais e organizou o primeiro festival Merzrocks. Recentemente, surgiu a ideia da netlabel.

Uma olhadela mais atenta à Merzbau denuncia a juventude do projecto. Com um só EP lançado "Loving in July, Dying in August" dos Jesus, The Misunderstood, um disco de pop-rock facção indie, gravado em casa.

Tiago Sousa da Merzbau diz que os objectivos da editora passam "por poder contribuir para trazer à luz do dia novos nomes e novos trabalhos que, por uma razão ou outra, não querem estar dependentes das regras da indústria musical".

Na Merzbau torna-se tudo muito familiar. A selecção e contacto com os artistas é um passa-palavra entre amigos e conhecidos. "É tudo muito espontâneo. Não temos propriamente uma metodologia - vamo-nos cruzando com ideias e pessoas interessantes", confessa Tiago Sousa.

Numa altura em que o formato netlabel está ainda em expansão, a Merzbau vai crescendo com novas edições que se avizinham: Goodbye Toulouse e Arnold Layne.

**Mariana Teixeira Santos**

# You Are Not Stealing Records: um projecto musical alternativo



Os Stealing Orchestra encontrou nas netlabels um instrumento que faz da música algo verdadeiramente universal.

Os [Stealing Orchestra](#) são um dos nomes fortes da nova música portuguesa. O projecto existe desde 1997 e tem dois álbuns editados em formato tradicional e três EP lançados na netlabel da banda – You Are Not Stealing Records. “Não gostamos de ficar com a música na gaveta e se já um álbum vende pouco, então EP ainda menos”, explica João Mascarenhas, mentor da editora e do grupo.

“É uma netlabel para discos menos vendáveis, de Stealing Orchestra ou outros projectos nossos ou de amigos que não teriam de outra forma uma edição normal. É também uma forma de Stealing Orchestra se manter no activo mesmo não dando concertos”, diz.

A própria história desta netlabel explica muito do que significa hoje este formato. “A distribuição é mundial e surgem contactos de todo o lado, dos EUA à Rússia e Filipinas, Bélgica, Holanda, etc.”, revela Mascarenhas.

You Are Not Stealing Records não foge ao rótulo de “netlabel da banda”, embora se possa escutar um outro projecto de um membro de Stealing Orchestra, Children for Breakfast.

“Em princípio o próximo disco será de outro membro da banda. Mas prevemos editar e arrisco dois nomes, um de um membro dos Alla Pollaca e outro dos Dr. Frankenstein. Neste momento não consigo separar as coisas. Stealing Orchestra é música, arte (com as colagens de Armando Brás), djing e netlabel”.

**Mariana Teixeira Santos**

# A lógica do tubo de ensaio



A Test Tube assume-se como um verdadeiro refúgio do experimentalismo que marca a música no início do século XXI.

A [Test Tube](#) foi criada em Junho de 2004 por um grupo de amigos que já estavam ligados ao universo musical através da editora [mono`cromatica](#). “Dar visibilidade à mono`cromatica e também servir de teste a novos nomes e estéticas que poderão ser usadas na mono`cromatica” foram os objectivos que nortearam a criação desta netlabel que procura sonoridades experimentais e fugir ao convencional.

“Surgimos para dar visibilidade a projectos que de outra forma não podiam ser conhecidos por serem demasiado experimentais e para fomentar o download legal”, explica o fundador Pedro Leitão.

Como quase tudo, as netlabels representam a fusão entre a manipulação e alteração de sons da música electrónica e a simplicidade de uma edição caseira. No próprio site explica-se que a Test Tube é fundamentalmente aquilo que anuncia: um tubo de ensaio para linguagens sonoras emergentes. Num país que, para Pedro Leitão, “é muito anglo-saxónico, muito pop-rock, as tendências experimentais são um nicho de mercado onde se movimentam quase sempre as mesmas pessoas”. As netlabels permitem, por isso, uma fuga ao apertado círculo e conquistar novos públicos num ambiente de total liberdade proporcionado pela falta de constrangimentos económicos.

A curta existência da Test Tube conta já com histórias de sucesso como é o caso de Afonso Simões, que assina com o nome de Phoebus e que já foi convidado para actuar no País Basco e fazer actuações na Galeria Zé dos Bois. Na realidade, os artistas que editam nas netlabels, como nos conta Pedro Leitão, “acabam por ver o seu trabalho reconhecido, não financeiramente, é verdade, mas isso depende muito dos próprios artistas. Por exemplo, o Afonso Simões fez uma edição limitada de uma edição dele de 50 cópias e já as vendeu todas. Por isso, essa parte do retorno financeiro também depende muito do investimento que cada artista faz no seu trabalho”.

O responsável pela Test Tube explica ainda que o sistema de selecção de artistas na netlabel baseia-se na “fila de espera”. Pedro Leitão adianta ainda que na Test Tube “a única coisa que pedimos às pessoas é que sejam coisas experimentais, que não se fiquem pelo convencional”.

**Mariana Teixeira Santos**

# EnoughRecords: a primeira netlabel em Portugal



De 2001 até hoje, a EnoughRecords tem inaugurado tendências. Em discurso directo, Filipe Cruz que fala da primeira netlabel portuguesa.

2001 marca o arranque da primeira netlabel portuguesa. Herdeira assumida de outras netlabels que iam aparecendo vindas dos mais diversos locais do planeta como a [Mono211](#) ou a [Tokyo Dawn Records](#), a [Enough Records](#) é obra de três criadores, entre os quais Filipe Cruz.

A ideia é simples: partilhar novas sonoridades feitas por artistas na sua maior parte desconhecidos. Como explica o membro fundador, “um dos grandes interesses das netlabels é podermos ajudar as outras pessoas a lançar a sua música”. “No início tínhamos vários tipos de música electrónica, mas passados uns tempos virámo-nos mais para o 'ambient' e ultimamente o 'dark ambient' é mais a nossa onda”, diz Cruz.

Por entre a grande oferta da EnoughRecords despontam sonoridades envolventes. Entre a rigidez da batida electrónica e a leveza das misturas, revelam-se novos nomes e tendências que escapam a um entendimento comum da música.

Filipe Cruz não esconde as dificuldades de um projecto como o da EnoughRecords. “Temos mesmo que trabalhar para dar nome à netlabel”, reconhece. Na verdade, não raras vezes as netlabels são encaradas pelos críticos e pela própria indústria musical como projectos demasiadamente caseiros, refúgio de artistas menores.

Apesar do que se pensa ou diz, pela EnoughRecords continuam a passar novas abordagens, como os Mystified que nos envolvem num ambiente minado por um apelo quase futurista.

**Mariana Teixeira Santos**

# O "copyleft" contra o "copyright"



As licenças Creative Commons são a resposta a uma exigência cada vez maior de uma informação livre. Consagração no direito português para depois do Verão.

Em Outubro de 2004, o [Internet Archive](#), que aloja uma extensa lista de netlabels, alojava os álbuns de mais de 130 netlabels num total de 3.275 músicas. Organizações como o Archive assumem-se como a verdadeira vanguarda do movimento "copyleft" que levou à criação das licenças [Creative Commons](#).

Por oposição ao "copyright", surge o "copyleft", uma iniciativa de libertação das leis que impedem a livre-circulação de ideias na rede, subscrita por vários juristas, entre eles Lawrence Lessing, professor em Stanford, advogado em casos cruciais sobre a propriedade intelectual. Segundo este advogado, as leis de propriedade intelectual servem hoje em dia para defender os interesses das multinacionais e não os dos próprios criadores. No caso do mercado musical, os músicos recebem apenas 8% a 15% do preço final do CD, o resto é para as discográficas.

As licenças Creative Commons (CC) foram lançadas em 2001 por iniciativa de Lessing com o único objectivo de criar um universo contrário ao copyright. Entendem-se as obras culturais enquanto legados e abre-se uma porta a todos aqueles que querem partilhar algo livremente na internet. O objectivo é expandir o número de obras disponíveis e, para isso, as licenças CC criaram um ordenamento muito mais simples para permitir aos autores a cedência das suas produções a terceiros, evitando burocracias e negociações demoradas. Há vários tipos de licenças dentro das CC: umas mais restritivas que só permitem fazer o download e passar a informação e outras que permitem ainda fazer alterações ao conteúdo original. Nenhuma licença CC permite a comercialização do material.

Esta ideia de total liberdade de circulação é partilhada pela [Stealing Orchestra](#). "As licenças Creative Commons são boas e as únicas pelas quais tenho respeito já que abomino uma associação como a [Sociedade Portuguesa de Autores](#) (SPA) que mais não é que um grupo de mafiosos de bairro. Imagina que eu te cobrava dinheiro para te proteger, mas que se não me pagasses eu te chegava a roupa ao pelo, mesmo sem haver ameaça de mais ninguém a não ser do 'protector'. É a SPA".

Como explica Tiago Sousa da [Merzbau](#), "os Creative Commons, embora não estejam consagrados na lei portuguesa, protegem-nos porque o que está em causa é o espaço 'web' no sentido global da palavra. Bem que lhes podemos agradecer terem tido esta ideia já que seria uma parvoíce andarmos a dar dinheiro à SPA por música que se quer livre e gratuita".

De facto, o universo das netlabels portuguesas está já intimamente ligado a estas licenças, mas elas e a filosofia que as inspirou hão-de estar consagradas no direito português após este Verão. Pedro Oliveira da [Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa](#) (FCEE-UCP) em parceria com a [INTELI](#) está a liderar a adaptação das licenças a Portugal.

**Mariana Teixeira Santos**